

Feminismo e educação popular: ações políticas que se juntam

Carmen Silva¹

Ao pensar sobre a relação entre feminismo e educação popular muitas coisas me vem à cabeça. O feminismo é, para mim, mais que uma teoria ou uma perspectiva pessoal de se conduzir no mundo. É um movimento social de mulheres, em torno da causa das mulheres, que nos aglutina pra lutar, apesar das diferenças e desigualdades entre nós. Entendo movimentos sociais como processos de luta, mobilizações, campanhas públicas, ações que se dão frente ao Estado e frente à sociedade, para pressão pela efetividade dos direitos ou para conquistar corações e mentes e adesão popular. Penso também que os movimentos em geral, para além das movimentações que são capazes de produzir, precisam de organizações.

Para ter permanência os movimentos se organizam, ou seja, é necessário que as pessoas que os compõem estejam aglutinadas e fazendo coisas para sua continuidade. Isso gera as condições para impulsionar coletivamente a ação e faz com que aquela movimentação criada tenha continuidade e se estenda no tempo e no espaço. As formas das organizações são as mais variadas, mas em função da cultura política predominante, tendem para a verticalização, autoritarismo e centralização. Nós, no feminismo, gostamos de construir movimentos que buscam se organizar de forma policêntrica, horizontal e autônoma em relação a outras forças políticas. Com capacidade de somar com outros sujeitos, mas não subordinado aos seus dizeres e fazeres.

Um movimento social é um agrupamento permanente de pessoas que se movimenta em defesa de uma causa e contesta a ordem estabelecida. Para o nosso feminismo, da Articulação de Mulheres Brasileiras, a ordem contestada é o sistema patriarcal, capitalista e racista, que existe todo junto, e se impõe sobre nossas vidas. Nós acreditamos que esta forma de ser e agir no mundo combina muito com a filosofia da Educação Popular.

A Educação Popular hoje é múltipla. Vemos a Educação Popular como uma concepção pedagógica, desenvolvida por uma rede assistemática de educadores e educadoras, que articula a dialogicidade no ato educativo e perspectiva crítica e criativa como caminhos para transformação social. Implica em capacidade analítica, organização e estratégias de luta, mas também em reflexividade, expressão criativa e politização da corporeidade e da vida cotidiana. No

¹ Carmen Silva é educadora do SOS CORPO Instituto Feminista para a Democracia, em Recife, no nordeste do Brasil, e militante da Articulação de Mulheres Brasileiras. Este texto é uma síntese de sua exposição na mesa do Seminário Educação Popular Hoje, promovido por Ação Educativa, em São Paulo, maio de 2014.

feminismo buscamos a formação de sujeitos individuais e coletivos, capazes de transformar o mundo e a si mesmos.

A cada dia a gente se encontra com os diferentes movimentos sociais nos espaços de articulação das lutas. Para nós é certo que participar é, em si, um ato pedagógico. Estar em movimento nos forma. Mas também deforma. No sentido em que ao mesmo tempo que os movimentos geram novos valores, pensamentos e habilidades capazes de nos vincular a construção de um outro mundo, eles também podem gerar vícios em torno de práticas que fazem parte do modo de fazer política hegemônico nesta sociedade baseada na exploração e dominação. Por isso, é sempre muito importante em nossos processos de educação popular, gerarmos a disponibilidade para reflexão permanente sobre os nossos próprios processos de luta e sobre os nossos modos de organização.

Na AMB temos experienciado a formação na ação. Sempre que temos uma ação nacional de uma das nossas frentes de luta agregamos a isso uma atividade de formação que nos ajude a construir juntas as nossas estratégias e nossas posições. É uma experiência que, avaliamos, tem ajudado a fortalecer o nosso movimento. A formação política exige sistematicidade, ou seja, estudo e elaboração contínuos que nos ajudem a articular teoria e prática. Neste sentido, temos construídos também um processo que chamamos 'grupos de auto-formação'. São grupos de militantes da AMB que se organizam no plano local com encontros sistemáticos para aprendizagem coletiva em torno de problemas ou temas que são fundamentais para a concepção de feminismo como movimento social que temos desenvolvido. Nestes grupos refletimos juntas sobre a vida cotidiana e analisamos como as questões se apresentam hoje na conjuntura e no debate político. É um tempo-espço para criarmos nossos próprios conhecimentos e também para adentrar em conhecimentos já sistematizados por outras feministas.

Temos enfrentado muitos desafios na construção da política de formação do nosso movimento – a AMB, mas vou destacar aqui apenas os desafios pedagógicos: para nós é fundamental o ato político-educativo de 'ouvir as mulheres'. Uma vez que fomos historicamente silenciadas, nos nossos espaços educativos, temos que garantir a fala expressiva e a escuta atenta, para construirmos juntas reflexões que nos ajudem a romper com a subjetividade subalternizada, impulsionem a nossa auto-organização e a produção de conhecimentos a partir de nossas vivências. Outro desafio é a dimensão da corporeidade, tomando o corpo como ponto de partida da reflexão sobre o vivido, ampliando a capacidade de cuidado de si como construção de si mesma e como atenção às vicissitudes corporais determinadas pela exploração capitalista e pela dominação patriarcal e racista, e ainda tomando-o como corpo político, criticamente como território onde se dá a opressão, mas afirmativamente como forma de estar no mundo, como possibilidade de manifestação política e como vivência do prazer.

Na formação da AMB nos desafiamos também a situar as nossas vidas e as nossas lutas no contexto. Desenvolver a capacidade de análise crítica sobre o mundo e de atuação coletiva para transformação, exige compreender as diferentes realidades das mulheres. É distinto, e desigual, ser mulher branca ou situada no sul e sudeste do Brasil e ser uma mulher indígena ribeirinha na Amazônia ou negra e moradora de periferia no nordeste. Cada situação guarda suas especificidades. A correlação de forças entre as classes no plano nacional e internacional, as manifestações permanentes da racialização e neocolonização e os conflitos entre os grupos sociais sexuados influenciam o nosso debate sobremaneira, mas apreciamos fazê-lo também a partir da realidade local, com suas características próprias e seus enfrentamentos políticos particulares.

Por fim, nos desafia a permanente acolhida do novo, que é cara ao movimento feminista. Este acolhimento nos exige rever nossas posições instituídas e cristalizadas, num movimento de criação permanente do nosso movimento, para que o nosso pensamento pensado seja capaz de acolher o pensamento pensante, como diz a filósofa feminista Françoise Collin. Isto é, precisamos estar atentas para que o nosso movimento organizado seja capaz de abraçar novas ideias e novas expressões e movimentações que traduzem a nossa mesma causa.

Neste tempo em que vivemos, as tecnologias da informação e comunicação nos absorvem como se fossem líquidas, mesmo se sabemos que são sólidas formas de acumulação de capital, e, ao mesmo tempo, nos aproveitamos deste espaço virtual produzido pela humanidade para alçar voos e tentar construir novas experiências de mobilização social. Olhamos o mundo, e nos questionamos permanentemente, para que as novas subjetividades e novas sociabilidades construídas não sejam permanentemente subordinadas à dominação, para que nossas ações educativas possam nos ajudar a pensar criticamente, a sentir a nós mesmas e às pessoas ao redor, e agir criativamente de forma consciente, organizada e sensível, pela transformação do mundo, ao mesmo tempo fortes como o sol, firmes como a terra, flexíveis como a água e leves como o ar.